



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **158**
OUTUBRO 2014



Tesouros
dos Palácios Reais
de Espanha



Komitas

4

Para conhecer melhor a cultura arménia

Concertos, conferências, exposições e um filme sobre a música e a cultura arménias marcam a primeira semana inteiramente dedicada à pátria de Calouste Sarkis Gulbenkian. O Fundador será também o centro de uma exposição no átrio da Biblioteca de Arte com documentos e imagens sobre a sua vida. Intitulada *Mais do que o Senhor Cinco por Cento: Os Primeiros Anos de Calouste Gulbenkian*, a mostra poderá ser vista até 3 de novembro.

10

Um futuro para a Saúde

Um novo pacto para a Saúde é o que propõe o relatório *Um Futuro para a Saúde – todos temos um papel a desempenhar*. Este estudo sobre a Saúde em Portugal, que foi apresentado no dia 23 de setembro na Fundação Calouste Gulbenkian, é o resultado de dois anos de trabalho de um conjunto de personalidades, nacionais e estrangeiras, lideradas pelo britânico Nigel Crisp.

13

A obra de Agustina em congresso

A **14 e 15 de outubro**, realiza-se a conferência sobre *Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís* e também a estreia mundial de uma ópera concebida a partir dos seus textos. Com encenação de João Lourenço e produção do Teatro Aberto, a ópera terá música original do compositor Eurico Carrapatoso e a interpretação de Ana Ester Neves, Angélica Neto e Patrícia Quinta.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 158. OUTUBRO. 2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho DESIGN José Teófilo Duarte |

Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Frans Pourbus, o Jovem (1569-1622).

Retrato de Isabel Clara Eugénia. Flandres, 1599. (pormenor) | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



António Dacosta, *Menina da Bicicleta*, 1942

20

António Dacosta

Figura ímpar do surrealismo em Portugal, António Dacosta será lembrado de forma abrangente nesta exposição do Centro de Arte Moderna, evocativa do seu centenário. Com curadoria de José Luís Porfírio, a exposição apresenta obras marcantes da sua carreira, bem como trabalhos inéditos ou menos conhecidos, em núcleos perfeitamente demarcados no tempo. A exposição abre ao público no dia **17 de outubro**.

25

Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

A partir de dia 22 de outubro, centena e meia de obras pertencentes ao valioso património artístico acumulado pela Casa Real de Espanha, ao longo de 350 anos, será mostrada no Museu e na Sede da Fundação Gulbenkian. A exposição é organizada pelo Património Nacional de Espanha e desvendamos neste número seis obras escolhidas pelo diretor do Museu Calouste Gulbenkian.



Frans Pourbus, o Jovem (1569-1622). *Retrato de Isabel Clara Eugénia*. Flandres, 1599. © Património Nacional

32

Flores e plantas do Jardim Gulbenkian

Uma visão detalhada de todas as espécies de flora existentes no Jardim Gulbenkian é o que apresenta esta nova obra assinada por Raimundo Quintal. Geógrafo, investigador, realizador de documentários e autor de vários livros sobre flora, biogeografia e ecologia, o autor mostra também a evolução do Jardim desde as suas origens. Um livro já disponível nas livrarias.

Índice

primeiro plano

4 **Semana da Cultura Arménia**

notícias

8 **Afirmar o Futuro. Políticas públicas para Portugal**

10 **Um novo Pacto para a Saúde**

13 **Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís**

14 **Harvard na Gulbenkian**

15 **O “novo social” em fotografias**

16 **IGC de portas abertas**

16 **Ciência europeia em discussão**

16 **Como controlar a comunicação entre bactérias?**

17 **breves**

bolseiros gulbenkian

18 **Andes Chivangue**

em outubro

exposições

20 **António Dacosta**

23 **Animalia e Natureza na coleção do CAM**

24 **Poesia Espacial**

24 **A arte da caligrafia japonesa**

25 **A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha**

música

29 **Danças Noturnas**

atividades educativas

31 **A nova temporada começa no dia D**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

34 **Serenata Açoreana**





Calouste Gulbenkian

Semana da Cultura Arménia

De 12 a 19 de outubro, a Fundação vai dar a conhecer mais da cultura e das origens de Calouste Sarkis Gulbenkian, com música, conferências, exposições e cinema.

Sabemos que Calouste Gulbenkian era arménio. Mas o que é “ser arménio”? De 12 a 19 de outubro, a Fundação Calouste Gulbenkian vai dar algumas pistas para a descoberta de um povo ancestral, de uma cultura europeia no Sudoeste da Ásia, e de um país marcado pelo encontro de religiões e pela diáspora, um país cujo património tem sido sucessivamente posto à prova através de vários conflitos. A **Semana da Cultura Arménia** é uma iniciativa que envolve sobretudo o Serviço das Comunidades Arménias, mas também outros departamentos da Fundação como o CAM, a Biblioteca de Arte e o Serviço de Música, que a integra na sua temporada. É a música, aliás, que está no centro do programa de atividades: ao longo de vários dias, o público vai poder descobrir a música arménia tradicional e contemporânea, e em particular o *duduk*, o “oboé arménio”, muito popular na região do Cáucaso e que foi reconhecido em 2005 pela UNESCO como Património Oral e Imaterial da Humanidade. O *duduk* irá ter uma forte presença no concerto de Shoghaken Ensemble (12 out.), uma das mais importantes formações de música tradicional da Arménia, liderada pelo virtuoso Gevorg Dabaghyan, hoje o mais prestigiado e internacional intérprete deste instrumento de sopro milenar. O concerto de Shoghaken Ensemble integra-se na progra-

mação de Músicas do Mundo, mas o seu líder, Gevorg Dabaghyan, também participa num dos dois concertos de Música de Câmara Arménia (14 e 17 out.) que os Solistas da Orquestra Gulbenkian vão apresentar com músicos convidados. Noutro concerto de Música de Câmara Arménia, participa a soprano Manuela Moniz, no dia em que serão ouvidas obras de Komitas, Arno Babajanian e de Tigran Mansurian. O concerto será precedido por uma mesa-redonda, *Música Arménia: Passado e Presente* (14 out.), em que participam a pianista arménia Marina Dellalyan e Rui Vieira Nery. Completa o programa deste dia a exibição do documentário *ARTMENIA*, sobre a história e a cultura arménias. Com música de Tigran Mansurian, o filme realizado por Ricardo Espírito Santo será apresentado em estreia no Grande Auditório.

O regresso de Jordi Savall à Fundação Gulbenkian também acontece por estes dias para apresentar, com o seu Hespèrion XXI e um grupo de músicos da Arménia, um repertório de música tradicional reunido sob o título “Espírito da Arménia” (19 out.). O contexto musical e histórico deste projeto será apresentado pelo próprio Jordi Savall num encontro de entrada livre, que se realiza no Auditório 2, antes do concerto que fecha este programa.



Shoghaken Ensemble

ARMÊNIA, PORTUGAL E O MUNDO

Sob a direção de Pedro Neves, a Orquestra Gulbenkian, que integra três músicos armênios – Levon Mouradian (violoncelo), Samuel Barsegian (viola) e Varoujan Bartikian (violoncelo) –, apresenta-se com Nareh Arghamanyan ao piano, em dois concertos (16 e 17 out.), para interpretar obras de Luís Freitas Branco e Aram Khachaturian, o mais conhecido dos compositores armênios do século XX.

“A ênfase deste programa não é no tratamento dos armênios como uma entidade distinta, mas sim na sua relação com o resto do mundo, e em particular com Portugal, onde a Fundação Calouste Gulbenkian tem a sua Sede”, explica Razmik Panossian, diretor do Serviço das Comunidades Armênias desde fevereiro de 2013 e impulsionador desta iniciativa cultural. Assim, para além de música armênia interpretada por portugueses, haverá também uma palestra pública focada nas redes comerciais armênias e portuguesas, “estabelecidas em séculos diferentes, mas com dinâmicas semelhantes”, justifica Razmik Panossian. Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, fará a abertura desta conferência internacional.

No âmbito da Semana da Cultura Armênia, mas longe do público, realiza-se ainda um importante seminário estratégico que reunirá em Lisboa os líderes globais da comunidade armênia. “A diáspora armênia, que é mais numerosa do que a população de nacionais na Armênia, não dispõe de um espaço onde os líderes se encontrem para discutir questões e preocupações comuns, o futuro do povo armênio”, explica o diretor, que reconhece na Fundação Gulbenkian a única organização no mundo com capacidade para juntar todas essas pessoas. “Somos neutros, estamos acima da

política, e representamos um nome de prestígio”, diz Razmik Panossian. Serão cerca de 40 personalidades armênias de todo o mundo, constituindo por isso um grupo muito representativo. “Queremos que seja uma discussão realmente aberta. Uma espécie de Davos [Fórum Económico Mundial] para a Comunidade Armênia, mas sem cobertura mediática.”

MAIS DO QUE O SENHOR CINCO POR CENTO

A vida de Calouste Sarkis Gulbenkian, um dos mais notáveis armênios do século XX, embora discreto na mesma medida, também estará naturalmente em evidência nestas celebrações. Para além da exposição *Mais do que o Senhor Cinco por Cento: Os Primeiros Anos de Calouste Gulbenkian* (entrevista p.7), que poderá ser visitada de 3 de outubro a 3 de novembro, realiza-se uma mesa-redonda a propósito desta mostra, com a participação de Artur Santos Silva, presidente da Fundação, de Martin Essayan, bisneto de Calouste Gulbenkian e administrador executivo, do historiador Jonathan Conlin e ainda de Ana Paula Gordo, diretora da Biblioteca de Arte.

O facto de Calouste Gulbenkian trabalhar em múltiplas línguas poderá ser um dos temas lançados nesta mesa. Para além do inglês, francês, armênio e turco, os arquivos pessoais de Calouste Gulbenkian mostram que o hábil negociador mantinha correspondentes que escreviam em língua turca otomana (turco antigo) com o alfabeto armênio. “É uma língua que não existe e muito poucas pessoas podem ler estas cartas. Eu consigo lê-las mas não consigo compreendê-las”, explica Razmik Panossian. Será certamente um dos muitos pontos de interesse que poderá

desenvolver Jonathan Conlin, responsável pela biografia de Calouste Sarkis Gulbenkian, um grande projeto com publicação agendada para 2019, nos 150 anos do nascimento do fundador.

Ainda no âmbito da Semana da Cultura Arménia, realiza-se uma conferência no CAM sobre o artista americano de origem arménia Arshile Gorky, a propósito da exposição que coloca a sua obra em diálogo com a coleção do Centro de Arte Moderna, patente ao público até maio de 2015. Para falar do lugar de destaque que Gorky alcançou na história do modernismo norte-americano e da arte ocidental do século XX, a historiadora de arte Kim Theriault estará na Sala Polivalente do CAM para uma palestra.

Refira-se também que o programa desta Semana contará com a apresentação da obra *Bem Hajam! – Apontamentos de Viagem à Arménia*, de Vassili Grossman, numa tradução portuguesa recentemente editada pela D. Quixote, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Com prefácio de Razmik Panossian, o livro regista as impressões e observações recolhidas durante dois meses pelo escritor, em 1961, quando esteve no país de origem de Calouste Gulbenkian. Entre descrições de locais deslumbrantes, como o monte Ararat, e relatos de conversas com homens perseguidos e comunistas convictos, Vassili Grossman pinta nesta obra



Arshile Gorky, *Aesthetics (Gegharvesd)*, 1946

um retrato de uma terra distante, sob o domínio da União Soviética, sem receio de abordar temas como o nacionalismo, os genocídios e as difíceis condições de vida de muitos arménios. ■

Semana da Cultura Arménia

Conferências, mesas redondas, literatura e cinema

TERÇA, 14 OUTUBRO

17h30 Auditório 3

Música Arménia: Passado e Presente

Mesa-redonda / entrada livre

21h Grande Auditório

AR t MENIA (estreia)

Filme / entrada livre

QUARTA, 15 OUTUBRO

14h Auditório 3

Mais do que o Senhor Cinco Por Cento:

Os primeiros anos de Calouste Gulbenkian

Mesa-redonda / entrada livre

17h30 Auditório 3

Bem Hajam! – Apontamentos de Viagem à Arménia, de Vassili Grossman

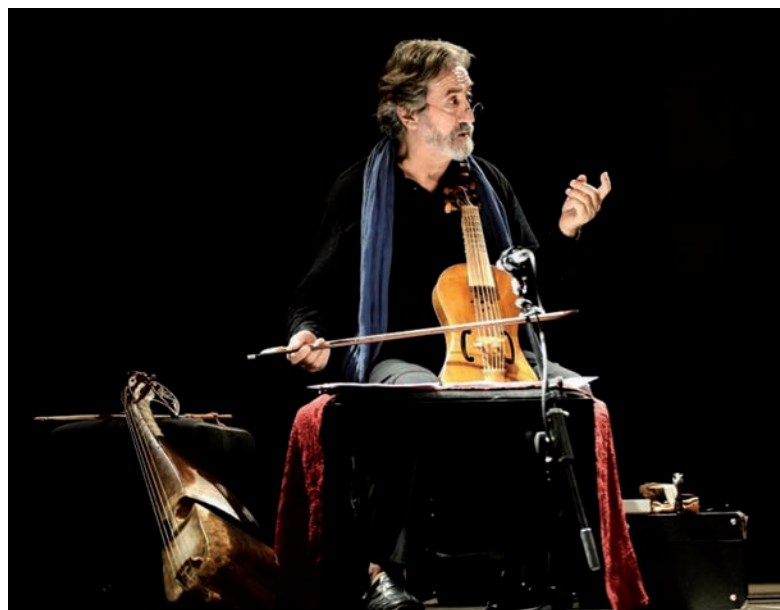
Apresentação do livro / entrada livre

QUINTA, 16 OUTUBRO

17h CAM, Sala Polivalente

Em busca do abstrato: imagens e imaginação em Arshile Gorky

Conferência por Kim Theriault (EUA) / entrada livre



Jordi Savall © David Ignaszewski

DOMINGO, 19 OUTUBRO

17h30 Auditório 2

Encontro com Jordi Savall – Música Arménia

Conferência / entrada livre

Um homem que não queria ser conhecido

A biografia definitiva de Calouste Sarkis Gulbenkian, um trabalho de fundo cheio de desafios cujo resultado ainda demorará alguns anos a ser publicado, está a ser preparada pelo historiador Jonathan Conlin. É neste contexto que o autor de obras como Tales of Two Cities: Paris, London and the Birth of the Modern City (2013) é também o curador da exposição Mais do que o Senhor Cinco Por Cento: Os Primeiros Anos de Calouste Gulbenkian, que pode ser vista de 3 de outubro a 3 de novembro, no Átrio da Biblioteca de Arte da Fundação.

QUAL O SEU MAIOR DESAFIO ENQUANTO BIÓGRAFO DE CALOUSTE GULBENKIAN?

O secretismo dele. Calouste Gulbenkian evitava a publicidade, e o seu sucesso como negociador derivava em parte do facto de ele saber mais sobre os seus colaboradores do que eles sabiam sobre ele. Embora às vezes manifestasse perplexidade face aos mitos que jornalistas e outros inventavam para preencher o seu silêncio, raramente procurou corrigi-los. Para um biógrafo, por conseguinte, são dois desafios num só: desbastar a crosta do mito e depois tentar descobrir a verdade – sobre um homem que não queria ser conhecido.

QUAIS FORAM AS SUAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE OS ARQUIVOS DE CALOUSTE GULBENKIAN?

A sua dimensão! Há mais de um quilómetro de ficheiros que têm origem nos escritórios de Gulbenkian em Londres, Paris e Lisboa, e que estão organizados de acordo com sistemas diferentes. Levei algum tempo a perceber a “forma” do arquivo, o que contém e, igualmente importante, o que não contém. Os silêncios podem dizer muita coisa.

QUE DESCOBERTAS INTERESSANTES GOSTARIA DE PARTILHAR NESTE MOMENTO?

Neste momento, eu e os meus assistentes estamos atarefados em Londres, Moscovo e Teerão a tentar reconstituir



Calouste Gulbenkian (à esquerda) com criado turco, c. 1875

aquilo a que Gulbenkian chamava “o meu grande plano”. Era um plano para desenvolver os campos de petróleo no Norte da Pérsia (atual Irão) no final da década de 20. Ao contrário das suas atividades nos Estados Unidos, na Venezuela ou no Iraque, sabemos muito pouco sobre os interesses de Gulbenkian na Pérsia. Embora o plano envolvesse diplomatas franceses para assegurar a cooperação russa, usando dinheiro americano para desenvolver o petróleo persa, a ideia geral era caracteristicamente simples: construir um negócio reciprocamente enriquecedor que fosse além-fronteiras, e bem-sucedido apesar das diferenças imperiais, nacionais e ideológicas.

O QUE VAMOS PODER VER NESTA EXPOSIÇÃO?

A exposição toma como ponto de partida o centenário da I Guerra Mundial para olhar para os primeiros anos de Gulbenkian. Deste período muito poucos registos sobrevivem, mas os mais importantes estarão expostos – não apenas cartas, mas fotografias, objetos pessoais e até algumas flores secas que Gulbenkian colocava dentro das cartas para a sua noiva, Nevarte. Como sugere o título da exposição, vamos encontrar uma pessoa bastante diferente do “Senhor Cinco por Cento” que todos conhecemos: Gulbenkian enquanto estudante, diplomata e noivo, bem como homem de negócios – em Constantinopla, Baku, Paris e Londres. ■



Razões e Objetivos

por **Viriato Soromenho-Marques**, Comissário da Conferência

Há uma pergunta clássica, que os povos repetem em todos os momentos críticos da sua história: como poderemos transformar um período de declínio num ciclo de progresso? Essa pergunta foi colocada nos alvares da formação da moderna economia de mercado, no tratado de Adam Smith que fundaria a ciência económica, em 1776. Mas o que está hoje em causa na interrogação sobre a origem da riqueza das nações é muito mais complexo. Num sistema internacional, politicamente turbulento, mas financeiramente globalizado e interdependente, a questão sobre a raiz da riqueza ou da pobreza afetando povos inteiros tem de ser afinada e refinada com a ponderação de outras variáveis emergentes, como seja, para o caso de Portugal, os riscos inerentes à longa estagnação política da União Europeia, e a própria alteração do conceito de crescimento que a entrada em cena de uma crise global do ambiente necessariamente exige.

A história mundial dos últimos dois séculos mostra-nos, com abundância de casos comprovativos, que as políticas públicas são o principal instrumento da inteligência coletiva, capaz de contrariar as desvantagens das nações, seja no que concerne à escassez de recursos naturais, seja no peso acumulado de inércias históricas negativas. As políticas públicas são visões ativas de futuros possíveis, capazes de mobilizar a sociedade para as tarefas do progresso material, mas também para o aprofundamento da justiça e o alargamento da cidadania. As múltiplas dimensões da crise que afeta hoje Portugal exigem que sejamos capazes de nos reerguer e convergir como sociedade em torno de novas visões do futuro comum.

É neste contexto que temos de inserir o desígnio da Fundação Calouste Gulbenkian de promover nos dias 6 e 7

de outubro, na Sede da Fundação, em Lisboa, uma conferência subordinada ao tema *Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal*.

A Conferência irá debruçar-se sobre quatro áreas temáticas, servindo de charneira para o conjunto das políticas públicas. São elas: 1) Instituições, finanças públicas e reformas do Estado; 2) Economia real e desenvolvimento sustentável; 3) Políticas sociais; 4) Território, ordenamento e ambiente. Foram convidados peritos nacionais para a elaboração de propostas. Meditadas, fundamentadas e já discutidas em seminários preparatórios. A experiência das universidades, mas também das empresas, das administrações e das associações da sociedade civil estará presente. Académicos de universidades estrangeiras, como Ricardo Reis, Paul de Grauwe e Mark Blyth, ajudarão a traçar um indispensável enquadramento.

No entanto, a Conferência Gulbenkian é um processo que não se esgotará em outubro. Continuará a ser um bem público, de acesso livre, quer nas publicações que se lhe seguirão, quer na influência que as suas ideias e perspetivas poderão suscitar num período próximo de previsíveis mudanças, nacionais e europeias. Portugal necessita de políticas públicas, capazes de incorporar o capital de conhecimento e saber que se encontra disseminado pelo País, alimentando o sentimento de pertença e o valor cívico da cooperação para atingir objetivos de bem comum. Portugal necessita de vencer os seus défices atávicos. Precisa de construir uma esfera pública onde o diálogo informado e compromissos políticos inteligentes possam ser possíveis num horizonte estratégico. A Conferência Gulbenkian dará, certamente, um valioso contributo para esta causa de interesse comum. ■

Programa

Auditório 2 | entrada livre

www.conferencia.gulbenkian.pt

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO

09:00-09:15 Artur Santos Silva *Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*

Viriato Soromenho-Marques *Comissário da Conferência*

INSTITUIÇÕES, FINANÇAS PÚBLICAS E REFORMA DO ESTADO Presidente de Mesa: Gomes Canotilho

09:15-09:35 *Uma proposta para a reforma do sistema político* Marina Costa Lobo

09:35-09:55 *A governação da justiça e a celeridade processual* Nuno Garoupa

09:55-10:15 *A reforma da administração pública* Miguel Pina e Cunha

10:15-10:35 *Renovar a esperança: uma estratégia orçamental para Portugal* Paulo Trigo Pereira

11:15-12:00 *Painel de Discussão*

Moderador Paulo Magalhães

Convidados Miguel Cadilhe, António Bagão Félix, José António Pinto Ribeiro

12:00-13:00 *Gerir a dívida pública numa união monetária e financeira* Conferência de Ricardo Reis
Apresentado por José Neves Adelino

ECONOMIA REAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Presidente de Mesa: Eduardo Marçal Grilo

14:30-14:50 *Investimento, financiamento e competitividade* João Leão

14:50-15:10 *Mercado de Trabalho: actores e políticas para o século XXI* Mário Centeno

15:10-15:30 *Inovação, I&D e relações Universidade-Empresa* Manuel Caldeira Cabral

16:15-17:00 *Painel de Discussão*

Moderador José Pedro Frazão

Convidados José Félix Ribeiro, Ricardo Paes Mamede, Tiago Pitta e Cunha

17:00-18:15 «Is the Eurocrisis over?»

Conferência de Paul De Grauwe

Apresentado por Artur Santos Silva

TERÇA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO

POLÍTICAS SOCIAIS Presidente de Mesa: Isabel Mota

09:15-09:35 *Despesa pública em saúde: cortando nós górdios* Pedro Pita Barros

09:35-09:55 *Reforma sistémica dos sistemas de pensões* Jorge Bravo

09:55-10:15 *Desemprego, pobreza e exclusão social* Carlos Farinha Rodrigues

11:00-12:00 *Painel de Discussão*

Moderador José Guerreiro

Convidados Eugénio Fonseca, Maria Margarida Corrêa de Aguiar, Fernando Medina, Ana Sofia Ferreira

12:00-13:00 Conferência de João Lobo Antunes
Apresentado por Artur Santos Silva

14:30-15:30 «When you find yourself going through hell, look for an exit» Conferência de Mark Blyth
Apresentado por Martin Essayan

TERRITÓRIO, ORDENAMENTO E AMBIENTE
Presidente de Mesa: Teresa Gouveia

15:30-15:50 *Energia e ambiente* Eduardo Oliveira Fernandes

15:50-16:10 *Território e cidades* João Seixas

16:10-16:30 *Territorialização de políticas sectoriais: cultura e inovação* António Figueiredo

17:20-18:20 *Painel de Discussão*

Moderador João Ferrão

Convidados Helena de Freitas, Jorge Vasconcelos, Luísa Schmidt, Armando Sevinate Pinto

18:20-18:40 *Sessão de encerramento*

Viriato Soromenho-Marques e Artur Santos Silva



Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Gulbenkian © Márcia Lessa

Um novo Pacto para a Saúde

Na presença do Ministro da Saúde, a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou publicamente a 23 de setembro o relatório Um Futuro para a Saúde – todos temos um papel a desempenhar, um ano e meio depois do desafio lançado pela Plataforma Gulbenkian para um Sistema de Saúde Sustentável a uma Comissão de especialistas liderada por Lord Nigel Crisp, antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês.

O abrangente estudo sobre a Saúde em Portugal, no qual foram ouvidos mais de um centena de especialistas e um vasto conjunto de instituições, propõe “um novo pacto na saúde, em que todos terão um papel a desempenhar – os cidadãos, os profissionais da saúde, os professores, os empresários, as autarquias e o Governo”. O relatório propõe uma transição do sistema atual, centrado no hospital e na doença, para um sistema centrado nas pessoas e baseado na saúde, em que os cidadãos são parceiros na promoção da saúde e nos cuidados de saúde. O relatório sugere, entre outras medidas, a criação de um Conselho Nacional de Saúde, que tutele este novo pacto

para a saúde, e que seja representativo dos cidadãos e de todos os setores da sociedade.

Na abertura da sessão, o Presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, relembrou o Sistema Nacional de Saúde (SNS), que neste momento celebra os seus 35 anos, como “o maior legado do nosso regime democrático” cuja manutenção todos defendem. “Ajudar a pensar o sistema de saúde português para lá das dificuldades de curto prazo foi o propósito da Fundação ao constituir uma Plataforma que, avaliando as forças e as debilidades do SNS, apresentasse recomendações que permitissem encarar a sua sustentabilidade futura.”



Nigel Crisp © Márcia Lessa

Na sua intervenção, Lord Nigel Crisp salientou que este relatório não pretende definir o futuro, porque “quase todos partilhamos sobre isso uma visão semelhante”, mas antes indicar quais os passos a dar para uma mudança significativa, que permita uma nova abordagem à saúde. “Portugal tem um bom SNS, profissionais de saúde competentes e uma tradição nos cuidados de saúde. Contudo, enfrenta agora um enorme aumento das doenças crónicas

tais como a diabetes, e os seus idosos estão entre os que têm menos saúde na Europa. São estes os principais problemas que enfrenta e que muito contribuem para as suas dificuldades financeiras”, afirma Nigel Crisp.

Um programa para a educação e literacia da saúde que permita aos cidadãos participarem na tomada de decisões, um registo de saúde eletrónico que faculte ao cidadão toda a informação sobre a sua saúde, a existência de uma fonte

Três Desafios Gulbenkian

“É reconhecida a dificuldade nacional de passar dos planos à execução”, apontava o Presidente da Fundação Gulbenkian na sessão de apresentação do relatório *Um Futuro para a Saúde – todos temos um papel a desempenhar*. Para contrariar esta tendência e contribuir para a resolução concreta de alguns problemas que o estudo identifica, a Fundação irá assumir três “desafios” lançados no relatório: **Reduzir a incidência das infeções hospitalares**, baixando as taxas atuais para metade em 3 anos, em 10 hospitais; **Suster o crescimento da incidência de diabetes** – em 5 anos, evitar que 50 000 pessoas desenvolvam a doença; **Ajudar o país a tornar-se um exemplo na saúde e no desenvolvimento dos primeiros anos de infância**, com melhorias quantificáveis nos indicadores de saúde e bem-estar das crianças. Em conjunto, o relatório estima que estes desafios possam poupar ao SNS entre 1% a 3% da despesa anual, já que por exemplo, segundo dados oficiais, as infeções hospitalares representam uma despesa de 280 milhões de euros por ano. “É uma missão complexa mas que a Fundação irá assumir com a consciência de toda a responsabilidade que lhe compete na sociedade portuguesa”, afirma Artur Santos Silva.



Da esquerda para a direita, João Lobo Antunes, Nigel Crisp e Paulo Macedo, Ministro da Saúde © Márcia Lessa

única de informação acreditada acessível, e a nomeação de não-profissionais para representar os cidadãos perante os órgãos de gestão das instituições de saúde, são algumas das recomendações apontadas neste relatório, que propõe um reforço decisivo da iniciativa dos cidadãos.

“Está na altura de melhorarmos a Saúde e não apenas os Serviços de Saúde. E está na altura de todos desempenharem um papel. Isto não pode ser deixado simplesmente nas mãos dos clínicos e dos governos”, defende Nigel Crisp. O estudo apresentado desenvolve-se com base nos pontos fortes do sistema atual, na competência dos profissionais e nas realizações do passado, exigindo porém novas abordagens, uma infraestrutura diferente e uma base de custos inferior e mais sustentável.

Para além do apelo a uma maior transparência do sistema, o antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês destacou, entre outros aspetos, a importância do papel da Sociedade Civil e dos sistemas de saúde informais, cujo aumento da qualidade permitirá grandes poupanças, e advertiu ainda para os riscos do marketing de estilos de vida pouco saudáveis.

O relatório *Um Futuro para a Saúde - todos temos um papel a desempenhar* resulta da iniciativa Health in Portugal: A Challenge for the Future. The Gulbenkian Platform for a Sustainable Health System, lançada em fevereiro de 2013 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Para além de Lord Nigel Crisp (presidente), a Comissão que elaborou este Relatório foi constituída por Donald Berwick (EUA), Wouter Bos (Holanda), Ilona Kickbusch (Suíça), João Lobo Antunes, Pedro Pita Barros e Jorge Soares.

O relatório completo está disponível em português e inglês através de www.gulbenkian.pt ■

RECOMENDAÇÕES DO RELATÓRIO:

1. UM NOVO PACTO PARA A SAÚDE
2. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
3. SNS-EVIDÊNCIA
4. FUNDO DE TRANSIÇÃO
5. LITERACIA DA SAÚDE
6. PROPRIEDADE DA INFORMAÇÃO PESSOAL SOBRE SAÚDE
7. ACESSO À INFORMAÇÃO
8. REPRESENTAÇÃO
9. AUTARQUIAS
10. SOCIEDADE CIVIL
11. SAÚDE PÚBLICA
12. MELHORIA CONTÍNUA DA QUALIDADE
13. COLABORAÇÃO DO SNS COM A INVESTIGAÇÃO E A INDÚSTRIA
14. NOVOS MODELOS PARA OS CUIDADOS DE SAÚDE
15. RESPONSABILIZAÇÃO E CUSTOS ADMINISTRATIVOS
16. ACORDO PÚBLICO-PRIVADO
17. FORMAÇÃO PROFISSIONAL
18. ENFERMAGEM
19. ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE
20. GESTÃO FINANCEIRA



Ética e Política na Obra de Agustina Bessa-Luís

Nos dias 14 e 15 de outubro, a Fundação Calouste Gulbenkian recebe Ética e Política na Obra de Agustina Bessa-Luís, um congresso internacional organizado pelo Círculo Literário Agustina Bessa-Luís que, durante dois dias, irá contar com várias conferências relacionadas com o universo literário da autora portuguesa e com as implicações da ética e da política na literatura.

A obra de Agustina Bessa-Luís é marcada por uma ampla diversidade, da crónica ao teatro, da biografia ao conto, passando pela literatura para a infância e pelo ensaio, sendo que é no romance que está a parte mais importante da sua produção literária. No seu trabalho, a autora foi persistentemente questionando ou afirmando o universo dos valores morais contemporâneos. Com esta ideia em mente, e numa altura em que se assiste a um “regresso ético à literatura”, o Círculo Literário Agustina Bessa-Luís organiza um congresso internacional na Fundação Calouste Gulbenkian, subordinado ao tema *Ética e Política na Obra de Agustina Bessa-Luís*, que se realizará no Auditório 2 e na Sala 1 da Sede da Fundação durante dois dias.

Na ocasião, estarão presentes figuras ligadas não só à literatura, mas também à própria ética e política. Nos dias 14 e 15, marcam presença na Fundação Ramalho Eanes, Eduardo Lourenço, Lídia Jorge, Gonçalo M. Tavares, entre muitos outros, assim como a própria filha de Agustina Bessa-Luís,

Mónica Baldaque, os quais irão, ao longo das várias conferências, debater temas ligados à obra de Agustina e o poder, a religião, a ética, o género e a política.

Aproveitando o tema do congresso, será apresentado *Elogio do Inacabado*, um volume com cinco inéditos de Agustina Bessa-Luís concluídos na segunda metade da década de 60 e editado recentemente pela Fundação Calouste Gulbenkian. No dia 14, na Sala Polivalente do CAM, também é apresentada, em estreia mundial, a ópera *Três Mulheres com Máscara de Ferro*, uma produção do Teatro Aberto com Ana Ester Neves, Angélica Neto e Patrícia Quinta, e música de Eurico Carrapatoso. A peça foi encenada por João Lourenço que desafiou o compositor a escrever a música para este drama em um ato, a partir do texto homónimo e inédito de Agustina Bessa-Luís. A direção musical é de João Paulo Santos, dramaturgia de Vera San Payo de Lemos, cenário de João Mendes Ribeiro e figurinos de Bernardo Monteiro. ■

Programa em www.gulbenkian.pt.



Still de *Vale Abraão*, Manoel de Oliveira, 1993

Harvard na Gulbenkian regressa em outubro

O ciclo de cinema *Harvard na Gulbenkian – Diálogos sobre o cinema português e o cinema do mundo* regressa em outubro à Fundação Calouste Gulbenkian para a segunda metade de uma programação que começou no final de 2013. Matthew Porterfield, Joaquim Pinto e Nuno Leonel são os primeiros cineastas a ver o seu trabalho exibido na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna.

O ciclo, com curadoria do cineasta português Joaquim Sapinho e do diretor do Harvard Film Archive, Haden Guest, traz de volta à Fundação os fins de semana de cinema e debates que procuram criar pontes e observar as relações entre o cinema português e o cinema do resto do mundo. Depois de seis programas, que contaram com a presença de 16 realizadores e nos quais foram projetados mais de 40 filmes, o *Harvard na Gulbenkian* prepara-se agora para outra meia dúzia de programas, a começar já entre **10 e 12 de outubro**, com filmes de **Matthew Porterfield** (*Putty Hill* e *Hamilton*, de 2010 e 2006, respetivamente) e de **Joaquim Pinto e Nuno Leonel** – *Onde Bate o Sol*.

Com a programação a durar até janeiro, destaque para as presenças do cinema de João César Monteiro, Manoel de Oliveira e do próprio Joaquim Sapinho. No plano internacional, serão projetados filmes de Catherine Breillat, Nathaniel Dorsky, Tsai Ming-Liang e Claire Denis, entre outros.

Outubro marca assim o regresso de um ciclo que no passado recente trouxe à Fundação Calouste Gulbenkian alguns dos filmes e dos cineastas mais interessantes do cinema nacional e internacional, como Béla Tarr, Ben Rivers, Susana de Sousa Dias, Patricio Guzmán, Manuela Viegas, Denis

Côté e Albert Serra. Os filmes podem ser vistos na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna. ■

Programação em:

www.harvardnagulbenkian.pt e em www.gulbenkian.pt.



Still de *Silvestre*, João César Monteiro, 1982



Still de *Onde Bate o Sol*, Joaquim Pinto e Nuno Leonel, 1989



O ‘novo social’ em fotografias

De 22 de outubro a 20 de dezembro, a Delegação em França da Fundação Gulbenkian apresenta em Paris a mostra de fotografia European Photo Exhibition Award (EPEA), um projeto que desafia 12 fotógrafos a desenvolver os seus trabalhos sob um tema comum ligado à Europa. Comissariada por Sérgio Mah, Rune Eraker, Enrico Stefanelli e Ingo Taubhorn, a segunda edição do EPEA é dedicada ao “novo social”.

“Vários analistas têm assinalado o facto de estarmos perante a emergência de ‘um novo social’, como resultado da fragmentação dos espaços e discursos públicos, e a incidência de novos tipos de tensões, conflitos e contradições sociais”, afirmam os comissários. Os 12 fotógrafos que participam nesta iniciativa trabalham de forma distinta temas relacionados com uma nova e emergente paisagem social, explorando os sinais que prenunciam mutações significativas no plano das identidades, nos modos de vida, nas formas de comunicação e sociabilidade, e nas formas de participação cívica e política.

Para além dos portugueses André Cepeda e Patrícia Almeida, foram selecionados para esta edição do EPEA os fotógrafos Massimo Berruti, Linda Bournane Engelberth, Jan Brykczynski, Simona Ghizzoni, Eric Giraudet de Boudemange, Kirill Golovchenko, Arja Hyytiäinen, Espen Rasmussen, Stephanie Steinkopf e Paula Winkler.

O European Photo Exhibition Award é uma iniciativa conjunta da Fondazione Banca del Monte di Lucca (Itália), do Institusjonen Fritt Ord (Noruega), da Körber-Stiftung (Alemanha) e da Fundação Calouste Gulbenkian. A primeira edição do EPEA, que se realizou entre 2012 e 2013, foi dedicada às *Identidades Europeias*.

Até 2015, os trabalhos desta segunda edição com o título *Horizontes – O Novo Social* serão expostos em Oslo, Lucca, Paris e Hamburgo, para além de marcarem presença em vários festivais de fotografia. ■

www.gulbenkian-paris.org

IGC de portas abertas

No dia 11 de outubro, entre as 10h e as 17h, o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) abre as portas ao público na 7.ª edição do seu Dia Aberto. Sob o mote *Ciência em Construção*, os cientistas vão conduzir os visitantes pelo dia a dia da investigação no IGC, levando-os a descobrir a importância da ciência para a construção do futuro. Experiências científicas, jogos, visitas aos laboratórios e palestras são algumas das atividades presentes no Dia Aberto do IGC para todas as idades. ■

www.diaaberto14.wordpress.com



Ciência europeia em discussão

Abordar questões complexas na área das ciências da vida e contribuir para melhorar a ciência europeia foram algumas das motivações que levaram 13 institutos de investigação científica de renome a juntar esforços e estabelecer uma aliança, denominada EU-LIFE. Os institu-

tos participantes são oriundos de 13 países europeus, sendo o IGC o membro português desta aliança. De 27 a 28 de outubro, os diretores das 13 instituições vão estar reunidos no IGC para discutir linhas de ação e estratégias de cooperação. ■

Como controlar a comunicação entre bactérias?

As bactérias são organismos unicelulares, comunicantes entre si, que coordenam o seu comportamento através de um processo denominado *quorum sensing* que consiste na produção e libertação de sinais químicos para o meio exterior e consequente deteção pelas outras bactérias. Ao atingirem uma determinada concentração, estes sinais ativam uma maquinaria molecular interna das bactérias, levando a importantes comportamentos de grupo, como a produção de fatores de virulência, necessários à infeção de organismos hospedeiros, ou a formação de biofilmes.

Um grupo de investigação, liderado por Karina Xavier do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), caracterizou agora um importante mecanismo de *quorum sensing* em *Escherichia coli*. Estas bactérias, tal como outras, têm a capacidade de sequestrar alguns sinais químicos, designados como “AI-2”, de forma a interferir com a comunicação entre outras bactérias. Usando técnicas de genética,

de bioquímica e outras, a equipa de investigação descodificou as várias modificações que ocorrem em AI-2 após o transporte desta molécula para o interior da bactéria. Os investigadores identificaram a proteína responsável pelo último passo do processamento do sinal AI-2 e mostraram que as várias moléculas resultantes desta via de sinalização têm um papel importante noutras funções celulares bacterianas, como o metabolismo. Dada a enorme quantidade de bactérias patogénicas que utilizam *quorum sensing* como forma de regulação de virulência, a descoberta de métodos que interfiram com a comunicação bacteriana é considerada uma alternativa promissora aos antibióticos tradicionais. Este estudo, publicado na revista científica *PNAS*, resultou da perseverança de João Marques, primeiro autor do artigo, que iniciou este projeto durante o seu mestrado no laboratório de Karina Xavier, a par com o seu doutoramento em neurociências, realizado na Fundação Champalimaud. ■



Concurso elege os melhores leitores

Dá voz à letra é o título do concurso lançado pelo Programa Gulbenkian Língua e Cultura Portuguesas, dirigido aos estudantes das escolas públicas e privadas da área metropolitana de Lisboa. **Até 29 de outubro**, jovens dos 13 aos 17 anos podem concorrer enviando um vídeo de três minutos onde apareçam a ler um texto em português, por si escolhido.

Este concurso destina-se a reativar o prazer da leitura nos adolescentes, conjugando várias componentes: lúdicas, sociais e competitivas. A partir dos vídeos enviados, serão selecionados 20 concorrentes que terão ainda mais uma fase de seleção, a 29 de novembro, num encontro na Fundação Gulbenkian. À final chegarão apenas os 10 melhores candidatos que participarão num espetáculo durante o colóquio *É então isto para crianças? Criações para a infância e juventude*. O vencedor ganhará uma viagem a Londres para duas pessoas. Os segundo e terceiro classificados receberão um iPad. Informações e inscrições em www.davozalettra.gulbenkian.pt. ■

Angola recebe fundações da CPLP

De 21 a 23 de outubro, a capital angolana será palco do 10.º Encontro de Fundações da CPLP, este ano dominado pela discussão dos modelos de desenvolvimento sustentado e das metas a traçar depois de 2015. Temas como o emprego, as dimensões económica e social no espaço da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) ou a circulação de criadores culturais serão debatidos nestes dois dias que contarão com a presença de inúmeras fundações, entre elas a Fundação Calouste Gulbenkian.

O Centro de Investigação em Saúde de Angola – CISA, projeto iniciado pela Fundação em conjunto com os governos português e angolano, será um dos projetos a apresentar durante o Encontro, como exemplo do papel que as fundações podem ter no fomento de políticas públicas de desenvolvimento. ■

MUNDAR

Muda o teu mundo

Até ao dia 17 de outubro, qualquer jovem entre os 16 e os 30 anos que tenha uma ideia para solucionar um problema – que pode ser individual, comunitário ou da sociedade em geral – pode candidatar-se ao Mundar, um concurso anual promovido pelo Programa Escolhas com o apoio da Fundação Gulbenkian. Os 30 projetos mais inovadores receberão um apoio financeiro até 2500 euros.

Na primeira edição do concurso, em 2013, foram 20 as ideias que conseguiram financiamento um pouco por todo o país. Os jovens empreendedores distinguidos conseguiram, por exemplo, lançar uma campanha de sensibilização rodoviária para redução da velocidade dentro de um bairro, reabilitar uma ponte pedonal onde passam centenas de crianças diariamente para ir para a escola, ou criar uma resposta de apoio aos idosos durante o fim-de-semana com recurso a novas tecnologias. ■

Para mais informações consultar www.mundar.pt.



*Andes Chivangue | 34 anos | Estudos de Desenvolvimento **

“A minha primeira paixão é a leitura”

LICENCIOU-SE EM MAPUTO. POR QUE RAZÃO ESCOLHEU PORTUGAL PARA CONTINUAR A SUA VIDA ACADÉMICA?

A escolha de Portugal como opção para dar continuidade aos meus estudos prendeu-se fundamentalmente com a língua. Confesso que depois da licenciatura, quando comecei a pensar seriamente em fazer o mestrado, a SOAS [School of Oriental and African Studies] constituía a minha escola de eleição. Entretanto, não tendo domínio suficiente da língua inglesa para estudar num país anglófono, tive de escolher entre as duas alternativas mais interessantes em língua portuguesa: Portugal ou Brasil. Optei por Portugal pois já aqui tinha amigos e conhecidos e, sobretudo, porque o ISEG dispunha de um curso semelhante ao que “sonhava” fazer na SOAS. Podia ter esperado e feito inglês intensivo, o que abriria mais possibilidades para minha ida para a SOAS, mas preferi vir para Portugal.

Não me arrependo, foi uma excelente escolha. Melhorei igualmente a minha proficiência em língua inglesa e aprendi imenso durante o mestrado.

JÁ LECIONOU ECONOMIA EM DUAS UNIVERSIDADES EM MOÇAMBIQUE. O QUE O ESTIMULA NA CARREIRA DOCENTE?

É um espaço de aprendizagem contínua. As características desta profissão complementam a minha personalidade. Sou intelectualmente curioso e tenho uma grande sede de conhecimento. Tive o privilégio de experimentar um pouco de todas as profissões e nenhuma delas me fez tão feliz quanto nesta. Lecionar Economia, durante o período em que estive como assistente estagiário, foi algo efetivamente gratificante. Curiosamente, não sou formado nesta área e foi o facto de ter tido cadeiras como Introdução à Economia, Economia Internacional e Economia do



Lisboa

Desenvolvimento que me permitiu explorar um pouco mais esta tradição académica. A minha ainda pouca experiência como investigador do Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina [CesA, do ISEG] e, agora, como estudante de doutoramento no ISEG tem estado a ajudar-me a reconciliar com a ciência política e as relações internacionais, áreas originais de formação na minha licenciatura. É um paradoxo interessante, mas perfeitamente compreensível, pois o ISEG, para além de Economia e Gestão, apresenta alguns cursos com uma abordagem heterodoxa. E o CesA contribui grandemente para essa abertura.

TEM LIVROS E ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS, TAMBÉM TRABALHOU COMO JORNALISTA. ESCRIVER É UMA PAIXÃO?

A minha primeira paixão é a leitura. Não obstante, desde os 16 anos de idade que escrevo contos e poesia. Nessa altura, ajudei a fundar um núcleo literário em Xai-Xai, tendo mais tarde criado uma revista literária da qual fui editor durante cinco anos. Este exercício resultou na publicação de dois livros, um de contos e outro de poesia. Enquanto fazia a licenciatura, tive de trabalhar para continuar a pagar a faculdade e é nessa altura que surge a oportunidade de

praticar algum, diga-se de passagem, limitado, jornalismo. Digo “limitado” porque só fazia a parte das notícias internacionais e só muito de vez em quando cobria algum evento político ou económico. O jornalismo é muito mais do que isso, é um trabalho duro, sobretudo em contexto de países africanos. A publicação de artigos científicos é algo recente e estou numa fase embrionária. A interação com investigadores seniores, no âmbito das atividades do doutoramento, e a minha participação em projetos de pesquisa do CesA têm aberto espaço para as publicações em coautoria.

O QUE PRETENDE FAZER NO FUTURO?

Depois de terminar o doutoramento tenciono regressar a Moçambique e aplicar os conhecimentos que tenho estado a colher. Entretanto, continuarei a fazer pesquisa. Talvez até faça um pós-doutoramento mais tarde. Tudo dependerá dos desafios que me forem surgindo. Por outro lado, tenho alguns projetos literários: um livro de poesia já fechado e um romance ainda numa fase muito embrionária. Se tudo correr bem, o livro de poesia será publicado ainda este ano em Moçambique. Estou a cogitar a possibilidade de publicá-lo cá, antes. Vamos ver se consigo tempo para procurar um editor. ■

**Bolsa de Estudo – Doutoramento no Instituto Superior de Economia e Gestão*

António Dacosta

1914 | 2014

A retrospectiva que o Centro de Arte Moderna apresenta a partir de dia 17 é comemorativa do centenário do nascimento de António Dacosta. Figura ímpar do surrealismo em Portugal, nasceu em Angra em 1914, formou-se na Escola de Belas-Artes de Lisboa e radicou-se em Paris em 1947, cidade em que exerceu crítica literária e pintou até à sua morte, em 1990. Com curadoria de José Luís Porfírio, a mostra procura dar uma imagem abrangente da obra deste artista juntando, sempre que possível, trabalhos inéditos ou menos conhecidos. No seu conjunto a exposição combina núcleos perfeitamente demarcados no tempo (o surrealista dos anos 40, ou os recomeços de 80), com outros em que diferentes tempos se cruzam.

A mostra principia e termina com uma evocação da obra mais visível do artista: o Coelho da *Alice no País das Maravilhas* que ornamenta a estação do Metro do Cais do

Sodré, em Lisboa. Para além de um painel de azulejo, será exibido um pequeno desenho que esteve na sua origem. Num espaço paralelo serão exibidas ilustrações, iconografia, bibliografia, bem como desenhos e alguns apontamentos. O corpo principal da exposição está organizado em cinco momentos desiguais que refletem precisamente as características da sua obra. Os dois primeiros, **Cena Aberta** e **Crise Mitológica**, são os únicos rigorosamente cronológicos, ocupando-se do surgir do pintor surrealista entre 1939 e 1942 e da crise que se lhe seguiu, que leva à interrupção da prática da pintura.

O restante percurso é temático, iniciando-se com **Sul**, lugar de uma poética onde geografia, memória e imaginação se combinam, **Séries**, com trabalhos organizados em núcleos temáticos, e que conduzem ao **Alfa e Ómega** final, de acentuado contraponto entre obras de tempos bem diferentes.



Cena Aberta, António Dacosta

CENA ABERTA

Este núcleo adotou o título de uma das pinturas mais significativas de Dacosta, realizada em 1940, obra emblemática que ajuda a definir o universo surrealista para onde convergem as coisas possíveis e impossíveis, reais e imaginárias e as criações inclassificáveis, como é o caso de *Diálogo* (1939), *Gasogénio* (1939), *O Usurário* (1940), ou *Antítese da Calma* (1940).



A Festa, António Dacosta

CRISE MITOLÓGICA

A partir de 1942 dá-se um abrandamento do ímpeto produtivo inicial, substituído por sucessivos exercícios de estilo. *A Festa*, desse mesmo ano, é o maior sinal dessa mudança. *Dois mulheres* (1944) faz parte de uma curta série marcada pela influência de um cubismo tornado uma das línguas francas do modernismo. As outras pinturas apresentadas neste núcleo, realizadas em Paris, são exercícios que apontam vários caminhos.

SUL

Neste núcleo estamos perante uma geografia sentimental que sempre existiu: primeiro, de Lisboa em relação aos Açores (*Serenata Açoreana*, 1940 – ver pág. 36) e, depois, de Paris em relação a um Sul real e mítico. O Sul é também memória e contínua presença das mulheres, que vão das *Meninas* (1942) a um raro *Retrato de Miriam* (1965), ou à *Imagem Perdida* (1984) de uma maternidade. Este núcleo é também o lugar dos bichos, que *Bicho Bichial* (1982) evoca a partir de uma cantiga infantil. Mas há obras que podem resumir todo este núcleo, como *Dois Limões em Férias* (1983) ou *Pós de Perlímpimpim* (1983).



Dois Limões em Férias, António Dacosta



Fonte de Sintra, António Dacosta

SÉRIES

O trabalho serial é uma das marcas do recomeço de António Dacosta. Cada série apresenta um tema que parte de uma situação formalmente simples ou que se vai simplificando. Marcantes desde 1980 são a série **Fontes**, de uma serena e festiva melancolia, que evolui para imagens sombrias, e a série **Memórias**.

A série **Tau** é associável a uma cruz e à iconografia de Santo Antão que muito interessou o pintor, enquanto a série **Assinaturas** se baseia em escritos que são memórias últimas ou derradeiras presenças de um artista.



Não há sim sem não. O Eremita, António Dacosta

ALFA E ÓMEGA

Os presságios, melancolias e enigmas habitam a obra final de Dacosta (*Presságio*, 1984; *Caça ao Anjo*, 1984; *Não há sim sem não – o Eremita*, 1985; *A Flor a Máscara e eu Adolescente*, 1987), e prolongam inquietações bem anteriores (*Cena com um pêndulo*, 1941; *Encontro do Poeta com a Morte*, c. 1941; *O Filósofo*, 1942). A morte aparece também no período final como um permanente confronto com os sinais da memória e com uma presença da infância e da juventude. É da morte próxima – da morte própria – que fala, num exercício de lucidez e sempre de algum desafio. ■

António Dacosta

1914 | 2014

CENTRO DE ARTE MODERNA

Curadoria: José Luis Porfírio

17 de outubro 2014 – 25 janeiro 2015

Catálogo *raisonné* de António Dacosta

Paralelamente a esta exposição comemorativa é lançado o catálogo *raisonné* de António Dacosta, o primeiro catálogo digital de fundo dedicado a um artista português. Este projeto pioneiro resulta de um trabalho desenvolvido ao longo de quatro anos e que se traduziu no levantamento de todas as obras de produção plástica do pintor, acompanhadas de reproduções e documentação alargada, desde as características físicas e materiais à sua história, ou ainda à antologia crítica das obras. Com coordenação científica de Fernando Rosa Dias, o projeto envolveu equipas de investigação, de museografia e de fotografia do CAM. O suporte digital deste catálogo permite não só diferentes tipos de buscas rápidas, organizadas segundo as opções de quem o consultar, como ainda possibilita uma permanente atualização de conteúdos resultante de pesquisas posteriores. Catálogo em breve disponível em: www.dacosta.gulbenkian.pt ■



Graça Morais, *A Magia na Caça*, 1978

Animalia e Natureza na Coleção do CAM

Em diálogo com a retrospectiva de António Dacosta, a exposição *Animalia e Natureza na Coleção do CAM* reúne cerca de 60 obras de pintura, desenho, fotografia, vídeo e escultura deste acervo, posteriores aos anos 60, realizadas por artistas de várias gerações, como Paula Rego, Julião Sarmento, Júlio Pomar, Graça Morais, Miguel Branco, Gabriela Albergaria, Gerard Byrne, Steven Campbell ou Thomas Joshua Cooper.

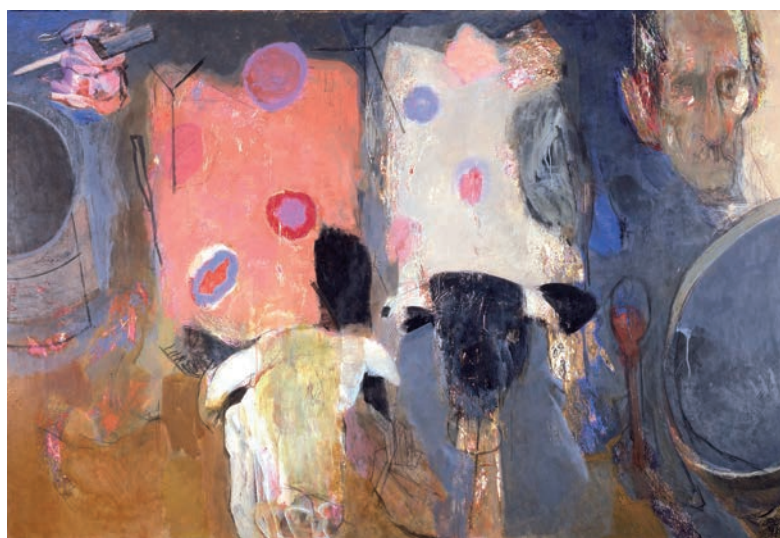
A exposição constrói-se a partir do universo iconográfico dos animais e dos quatro elementos naturais presentes na obra de António Dacosta, que encontra também na natureza uma forte ligação à memória e aos monstros que a ocupam, tal como se poderá ver simultaneamente na retrospectiva do pintor. ■

Animalia e Natureza na Coleção do CAM

CENTRO DE ARTE MODERNA

Curadoria: Isabel Carlos e Patrícia Rosas

17 outubro 2014 – 31 maio 2015



Júlio Pomar, *Briança - Festa do Espírito Santo* (com retrato de Dacosta), 1991-92

Poesia Espacial

Salette Tavares

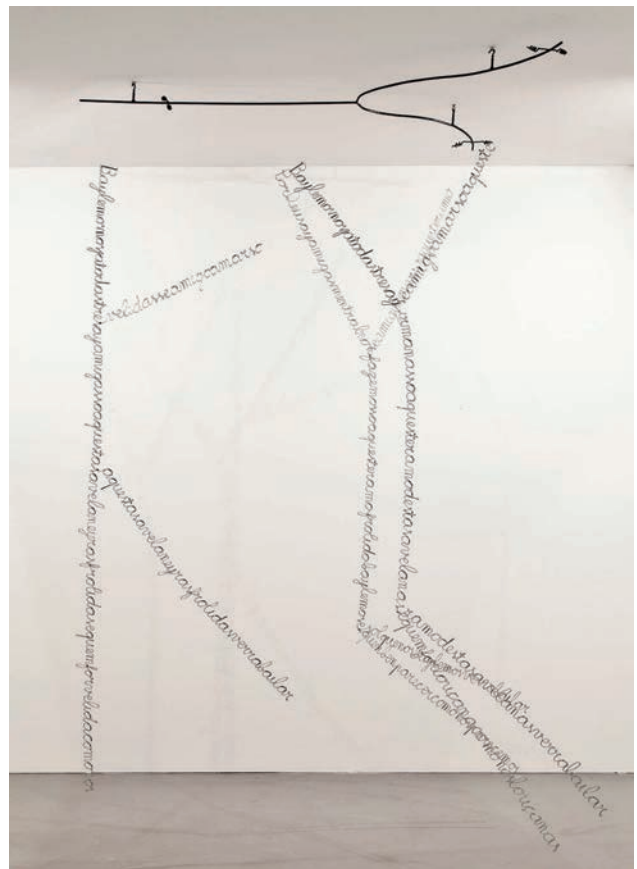
Formada em Filosofia e Estética, Salette Tavares (1922-1994) começou por se destacar no contexto da poesia experimental. Sem nunca abandonar a reflexão teórica, a sua obra cruzou a produção literária e a prática artística, configurando-se como um território duplamente contaminado que se estendeu à poesia visual, à especialização dessa poesia através de uma exploração tridimensional, e à produção de objetos. A exposição do CAM pretende dar a conhecer o percurso desta artista, apresentando os diferentes desdobramentos da sua obra. Nesse sentido, serão reunidos trabalhos – alguns deles inéditos – desenvolvidos em múltiplos domínios. Algumas peças que se encontravam danificadas foram propositadamente reconstruídas para esta exposição. ■

Salette Tavares: Poesia Espacial

CENTRO DE ARTE MODERNA

Curadoria: Margarida Brito Alves e Patrícia Rosas

17 outubro 2014 – 25 janeiro 2015



Réplica da Obra "Bailia" de Salette Tavares, 1979-2014 | Cobre/metalizado/cromado

A arte da caligrafia japonesa

Obras-primas da caligrafia japonesa contemporânea vão estar reunidas em Portugal a partir do dia 10 de outubro e até 28 de dezembro, numa mostra organizada pela Academia de Arte Caligráfica do Japão, em parceria com a Embaixada do Japão e a Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição, apresentada na Sala de Exposições Temporárias da Sede da Fundação (piso 01), é composta por cerca de uma centena de obras maiores dos mais conhecidos calígrafos contemporâneos japoneses. Mais do que um gesto de escrita, a caligrafia tem sido desenvolvida, ao longo dos anos, como uma forma de arte criativa para expressar a profundidade e a beleza espiritual, fazendo parte integrante da história e do quotidiano do povo japonês. No dia da abertura ao público, 10 de Outubro, às 16h, a Academia de Arte Caligráfica do Japão promove uma demonstração ao vivo realizada por dois mestres japoneses que irão utilizar *Kanji* (caracteres chineses) e *Kana* (silabário japonês) para escrever uma só palavra e poemas de estilo japonês. A sessão é aberta a todos. ■



A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

Centena e meia de obras pertencentes ao valioso património artístico acumulado pela Casa Real de Espanha ao longo de 350 anos, desde a dinastia Trastâmara, de Castela e Leão, à dinastia dos Habsburgos e Bourbons, estarão reunidas na Fundação Calouste Gulbenkian, a partir do dia 22 de outubro. Promovida pelo Museu Gulbenkian, a mostra, intitulada *A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha*, testemunha não só o colecionismo esclarecido praticado pela monarquia, como também as grandes ações de mecenato que desenvolveu.

Oportunidade para apreciar o melhor da produção de Espanha e da Europa em obras de mestres como Velázquez, Goya, Caravaggio ou El Greco, entre muitos outros.

Algumas obras apresentadas remetem para a história das relações artísticas ou familiares entre Espanha e Portugal. Esta exposição é organizada pelo Património Nacional de Espanha, instituição responsável pela preservação e divulgação dos bens móveis e imóveis que pertenceram à coroa e tem o alto patrocínio do Rei de Espanha e do Presidente da República Portuguesa.

Seis quadros de uma exposição

Antecipando a mostra, apresentamos seis obras que vão integrar a exposição, enquadradas pelo diretor do Museu Gulbenkian, João Castel-Branco Pereira.

Nicolas de Largillierre (1656-1746)

Mariana Vitória de Bourbon

França, 1724 | Óleo sobre tela | 184 x 125 cm

Museo Nacional del Prado, Madrid | Inv. Po2277

© 2014. Image Copyright Museo Nacional del Prado

© Photo MNP/ Scala, Florence

Mariana Vitória de Bourbon – filha de Filipe V e de Isabel de Farnésio, com quem o rei de Espanha casou em segundas núpcias – nasceu em 1718 e, com quatro anos, foi enviada para a corte de França, destinada a fazer aí a sua educação, estando então prometida a Luís XV. Mas, entre outras razões, a saúde frágil do jovem rei aconselhava o seu casamento quanto antes para assegurar um herdeiro. Assim, por escolha do regente de França, duque de Bourbon-Condé, a eleita foi Maria Leszczyńska, filha de Estanislau I, rei da Polónia, então exilado. As relações entre França e Espanha naturalmente esfriaram. Humilhada com a devolução da princesa à corte de Madrid e sendo uma das suas ambições um trono para cada filho, Isabel de Farnésio encontrou alternativa a Luís XV no príncipe do Brasil, presumível herdeiro da coroa portuguesa, o futuro rei D. José I. Mariana Vitória, então com dez anos, veio para Portugal (19 de janeiro de 1729), recebendo Espanha na mesma ocasião Maria Bárbara de Bragança, casada com o futuro rei Fernando VI (“troca das princesas”).



O magnífico retrato de Mariana Vitória, pintado em Paris por Nicolas de Largillierre, pertence ao Museu Nacional do Prado. Há duas importantes pinturas de Largillierre em museus portugueses, ambas adquiridas por Calouste Gulbenkian: o presumível *Retrato do Senhor de Noirmont*, oferecido pelo colecionador ao Estado português e integrado no património do Museu Nacional de Arte Antiga, e o *Retrato de Monsieur e Madame Thomas Germain*, exposto no Museu Calouste Gulbenkian.

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599-1660)

Retrato de um cavalo branco

1634-1638 | Óleo sobre tela | A. 310 cm; L. 243 cm

Patrimonio Nacional, Palacio Real de Madrid | Inv. 10010145

© Patrimonio Nacional

É comum na iconografia do Ocidente europeu, que retoma modelos da Roma antiga, a representação de monarcas, figuras da alta nobreza e grandes chefes militares a cavalo, simbolicamente entendida como imagem do poder.

Nesta exposição, o *Retrato equestre de Carlos II em criança*, de Sebastián Herrera Barnuevo (c. 1668), pretende veicular uma imagem de força de um jovem rei que, na verdade, representa o fim da dinastia Habsburgo em Espanha, apagado o seu fulgor. A nova dinastia Bourbon trará a energia necessária para a reafirmação efetiva do poder real.

Ao cavalo pintado por Velázquez, patente na exposição, falta contudo a representação do cavaleiro que o domina. Terá ele existido e desaparecido numa intervenção posterior ou seria esta obra um dos modelos disponíveis no ateliê do pintor para decisão do encomendador?



Corrado Giaquinto (1703-1766)

Cadeira da Rainha Bárbara de Bragança

Segundo terço do século XVIII

Madeira talhada, dourada e pintada

A. 220 cm (total); L. 87 cm; P. 102 cm.

Patrimonio Nacional, Palacio Real de Madrid | Inv.10008048

© Patrimonio Nacional

A cadeirinha para uso de Maria Bárbara de Bragança (1711-1758), rainha consorte de Fernando VI de Espanha (1713-1759), é, sem dúvida, um dos mais qualificados exemplares deste tipo de transporte nas coleções europeias de viaturas antigas.

Utilizada na generalidade por senhoras, a cadeirinha, com acesso ao interior pela dianteira e com assento para uma pessoa, era sustentada por dois homens, segurando os varais laterais que encaixavam em aros metálicos fixos nas ilhargas.

Maria Bárbara de Bragança que, com o passar dos anos, aumentara excessivamente de peso, deveria ter dificuldade em movimentar-se. Assim, a cadeirinha que se mostra nesta exposição terá estado ao seu serviço para se deslocar nos jardins e dentro dos palácios.

Corrado Giaquinto (1703-1766), italiano fixado em Madrid em 1753, é o autor da decoração pictórica desta peça, sendo todos os painéis emoldurados por talha dourada de volumes sinuosos de gosto *rocaille*. Em todos há *amores* voltejando que aludem à caça, colheita de frutos e lazer. No alçado posterior da caixa, exalta-se a soberana: num envolvimento de flores, palmas e meninos alados, destacam-se dois que erguem uma coroa de louros. A pertença real é reforçada pela coroa de talha dourada sobre o tejadilho.

Alonso Sánchez Coello (1531-1588)

Retrato de Joana de Áustria

Espanha, c. 1560 | Óleo sobre tela | 110 x 84,5 cm

Património Nacional, Monasterio de las Descalzas Reales,
Madrid | Inv. 00612066

© Patrimonio Nacional

Filha de Carlos I (Carlos V, imperador da Áustria) e Isabel de Portugal, Joana de Áustria (1536-1573) casa aos 16 anos com o infante D. João, filho de D. João III e de D. Catarina de Áustria. Deste casamento nasceu um único filho – D. Sebastião – 18 dias após a morte do pai, ocorrida a 2 de Janeiro de 1554. Joana regressou a Espanha, a pedido do pai e do irmão, futuro rei Filipe II, foi regente e, em Madrid, fundou o Convento das Descalças Reais, onde se recolheria anos mais tarde. Aí iniciou uma galeria de retratos dos seus familiares, porventura sugerida pela separação do filho, quando este tinha quatro meses. Nunca mais o veria.



Francisco de Goya
(1746-1828)

Fabrico de Balas

Espanha, c. 1811-1814

Óleo sobre madeira

33 x 52 cm

Património Nacional,
Palacio de la Zarzuela,
Madrid

Inv. 10009053

© Patrimonio Nacional

Duas pequenas e pouco conhecidas obras, *Fabrico de Pólvora* e *Fabrico de Balas*, da autoria de Francisco de Goya, integram a exposição e constituem uma oportunidade excepcional para documentar um momento importante da história de Espanha, a Guerra da Independência, que se cruza com as invasões napoleónicas de Portugal.

Motivado por esse conflito, reação ao poder exercido por José Bonaparte, rei de Espanha imposto por Napoleão, Goya pintou as emblemáticas telas *O 2 de maio de 1808 em Madrid ou «A luta com os mamelucos»* e *O 3 de maio em Madrid ou «Os fuzilamentos»*, ambas de 1814 e hoje conservadas no Museu

Nacional do Prado. São dois momentos-chave que marcam o início da revolta contra o ocupante francês: a população de Madrid ataca as tropas do general Murat na manhã de 2 de maio de 1808 e sofre as conseqüentes represálias na madrugada de 3 de maio. Gestos heroicos do povo anónimo.

Perante estes acontecimentos, a resistência ao poder francês multiplica-se por todo o território e a ela se refere Goya através das duas obras que estarão em Lisboa, que testemunham o fabrico de munições em Aragão, por iniciativa de um sapateiro, José Mallen, que organizou grupos de guerrilheiros.



Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610)
Salomé com a Cabeça de João Batista
1606-1607
Óleo sobre tela
114 x 137 cm
Património Nacional,
Palacio Real de Madrid
Inv. 10010026
© Património Nacional

Michelangelo Merisi da Caravaggio é o autor de, porventura, uma das mais perturbadoras obras da Idade Moderna, criada num período de menos de 20 anos e portadora de tais novidades que a tornaram referência de muitos outros pintores.

Os modelos para as suas personagens encontra-os o pintor no mundo marginal e representa-os de forma realista, a que junta contrastes de claro-escuro, artifício poderoso que dramatiza a narração. É exemplo a obra trazida à exposição, onde, sobre um fundo negro, a luz intensa ilumina o braço

vigoroso do carrasco e o provocante regaço de Salomé, cuja juventude se contrapõe ao rosto envelhecido da criada, envolto em penumbra.

Estes jogos de luz e sombra, que serviram de diferentes modos a grandes mestres da pintura barroca, como Ribera, Zurbarán ou Rembrandt, revestem-se de uma crueza e uma intensidade particulares em Caravaggio, contrastando com a anterior elegância maneirista. Resultam também numa forte influência na pintura napolitana do século XVII, ilustrada na exposição por duas obras de Andrea Vaccaro. ■



Afonso X, o Sábio (1221-1284), compilador. Cantigas de Santa María. Espanha, século XIII (pormenor) © Património Nacional

A História Partilhada.

Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN E SEDE DA FCG

GALERIAS DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

22 de outubro 2014 – 25 de janeiro 2015

Visitas Orientadas: terças, quintas e sábados às 15h

Danças Noturnas

Charlotte Rampling lê Sylvia Plath ao som de Britten



© Marthe Lemelle

Depois de ter descoberto o universo poético de Sylvia Plath, primeiro através das cartas e diários e mais tarde da sua poesia, a violoncelista Sonia Wieder-Atherton resolveu convocar a poderosa escrita da poetisa norte-americana para um dos seus espetáculos, colocando-a em diálogo com a música de Benjamin Britten. Surgiu assim *The Night Dances*, o espetáculo que estreou no ano passado na Cité de la Musique, em Paris, e que agora é apresentado no Grande Auditório da Fundação no dia **24 de outubro**, no âmbito do ciclo Teatro/Música da nova temporada da Gulbenkian Música.

Recorrendo aos poemas e às páginas do diário onde Plath costumava registar os seus “assombros, quedas no escuro, encontros, e buscas infatigáveis”, Sonia Aterthon, que não esconde o seu fascínio por esta autora que pôs termo à vida pouco depois de completar 30 anos, dedicou-lhe um espetáculo singular a que o público português terá agora oportunidade de assistir. Para dar voz aos textos de Plath, a violoncelista convidou a atriz britânica Charlotte Rampling, possuidora de um timbre que considera próximo do som do violoncelo, perfeito para transportar “a voz solitária e radical” da escritora. Quanto à correspondência musical, foi

encontrá-la nas Suites para Violoncelo de Benjamin Britten, “livres e poderosas, com tanta imaginação de escrita”, como se, nas palavras de Atherton, o universo de Britten não temesse o de Plath, “com os seus extremos e o ruído da sua linguagem”. Os dois universos tocam-se como se fossem “de mão dada”, com a música precedendo ou seguindo o texto “nos seus cantos profundos, nas suas cores infinitas, nos seus contrastes e por vezes no seu humor”.

A violoncelista Sonia Aterthon ocupa um lugar singular na cena musical contemporânea, com um amplo repertório composto por criações pouco convencionais, recorrendo à encenação e ao diálogo com outras artes. Estudou com Rostropovitch em Paris e, em Moscovo, com Natalia Chakhovskaia; como solista tem atuado com várias orquestras europeias de renome. Em 1986 foi distinguida no Concurso Rostropovitch e em 1999 recebeu o Grand Prix Del Duca, atribuído pela Fundação Bernheim.

Já a atriz britânica Charlotte Rampling lançou a sua carreira com o filme *Os Malditos*, de Luchino Visconti, a que se seguiu o sucesso de *O Porteiro da Noite*, da cineasta italiana Liliana Cavani. A partir daí protagonizou vários papéis que a celebrizaram, como *O Veredito*, de Sydney Lumet, *Vive la vie!*,

de Claude Lelouch, ou, mais recentemente, *Melancholia*, de Lars von Triers. A sua carreira foi premiada com um César de honra em 2001. Paralelamente, dedica-se ao teatro, protagonizando peças de Eric-Emmanuel Schmit, Augusto Strindberg e Virginia Woolf.

Antes do espetáculo, pelas 18h, realiza-se no *foyer* junto ao Grande Auditório um encontro, de entrada livre, com as artistas, moderado pelo diretor da Gulbenkian Música, Risto Nieminen.

ODISSEIA PARA VIOLONCELO E CORO IMAGINÁRIO

Dois dias depois desta apresentação, o Grande Auditório volta a abrir as suas portas para mais uma criação de Sonia Wieder-Atherton, com música de Aperghis, Bach, Granados, Prokofiev, Bellini, Schumann.

Neste espetáculo, Sonia Wieder-Atherton mergulha no imaginário do Mediterrâneo, vendo-se diante da imagem de uma mulher solitária, cercada pelo mar, que fala, grita e sussurra, como se esta imagem que guia a construção desta *Odisseia* a representasse a si própria como mulher solitária, falando, gritando e sussurrando com a voz do seu violoncelo. Esta obra fecha um tríptico iniciado com *Cantos Judeus* e prosseguido com *Cantos do Oriente*.



Sonia Wieder-Atherton © Jean-Baptiste Mondino

Ciclo de Cinema

Um pequeno ciclo de cinema a realizar no Grande Auditório vai anteceder a apresentação dos dois concertos de Sonia Wieder-Atherton. Em sessão contínua, no dia **23 de outubro**, serão exibidos dois documentários de Chantal Akerman sobre a obra da artista. Este ciclo inclui ainda dois filmes protagonizados por Charlotte Rampling, *A Rapariga da Orquidea*, de Patrice Chéreau, e *O Porteiro da Noite*, de Liliana Cavali. ■



Programa

Grande Auditório

18H

A rapariga da Orquidea

Realizador: Patrice Chéreau
1975, 110' legendas em inglês

20H30

Avec Sonia Wieder-Atherton

Realizadora: Chantal Akerman
2003, 52' legendas em inglês

Trois strophes sur le nom de Sacher

Realizadora: Chantal Akerman
1989, 12'

22H

O Porteiro da Noite

Realizadora: Liliana Cavani
1974, 118' legendas em português

www.musica.gulbenkian.pt



Os Espacialistas © Rodrigo de Souza

A nova temporada começa no dia D

O dia 4 de outubro marca o arranque da nova temporada do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. Sob o tema “Miragens”, o Descobrir preparou cinco atividades a partir das 10h30, com programas para todas as idades.

Tábula rasa, ou Laboratório de construção de miragens, é uma iniciativa que dispõe de quatro estações de 20 minutos cada no jardim Gulbenkian e que, com a ajuda de “especialistas”, vai levar os participantes com mais de seis anos a usar o desenho, a máquina fotográfica ou o próprio corpo. A primeira sessão tem início às 11h e a última às 15h20. *Acordes da Alma* marca o regresso do Canto Hondo à Fundação Gulbenkian num momento de encontro entre três músicos e o público, com canções inspiradas em obras de arte, tradições portuguesas e sonoridades do Mediterrâneo. Estão previstas duas sessões, de 45 minutos cada, para todas as idades.

Os adeptos de teatro terão a oportunidade de assistir a duas sessões de *Dom Caixote*, com conceção e interpreta-

ção de Madalena Marques e Mariana Amaral, cada uma com 40 minutos de duração e realização no Jardim Gulbenkian. Para os que gostam de dança, *Odisseia* vai procurar encontrar o caminho para a felicidade através da coreografia, na Sala 1 do edifício Sede.

No Museu Gulbenkian, o Descobrir preparou para os mais novos duas visitas-oficinas que exploram a Coleção Calouste Gulbenkian e anunciam a exposição *A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha*.

Partilhe este dia nas redes sociais usando #descobrir e #gulbenkian.

São necessários bilhetes para todas as atividades (2 €).

Horários e informações:

www.descobrir.gulbenkian.pt ■



As flores e plantas do Jardim Gulbenkian

Editado recentemente, o livro *Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian – Flora* tem a assinatura de Raimundo Quintal, geógrafo, investigador, realizador de documentários e autor de vários livros sobre flora, biogeografia e ecologia. Esta obra de 355 páginas, apresentada por Viriato Soromenho-Marques, oferece uma visão detalhada sobre toda a flora presente no jardim da Fundação.

Resultado de “uma longa vivência, de deambulações sem conta, de muitas horas de silenciosos diálogos”, o autor madeirense ambiciona, com esta publicação, ajudar a conhecer as árvores, arbustos, ervas e trepadeiras que povoam os terrenos do Jardim. Ao longo da leitura desta obra, descobre-se que o Jardim alberga ainda mais vida do que uma primeira impressão dá a entender. Desde os comuns alecrins, azinheiras, bambus e lilases até aos curiosos martinete-chorão, espargo-macarrão, cigarrinhos e às árvores e arbustos frutíferos como o medronheiro, a ginjinha-do-rei e o morangueiro-selvagem – ao todo, são mais de 250 espécies registadas.

Para além da viagem pela vegetação do Jardim, neste livro também são abordadas as várias vidas passadas dos terrenos situados na Av. de Berna. Antigamente denominado Parque de Santa Gertrudes, antes de acolher a Fundação o espaço serviu como Jardim Zoológico durante dez anos, entre 1884 e 1894, e foi onde funcionou a Feira Popular, de 1943 a 1956.

Assim, o naturalista Raimundo Quintal oferece-nos uma visão alargada de um dos jardins mais marcantes da cidade de Lisboa, fruto de anos de visitas, fotografias e observações meticulosas, com a esperança que este levantamento aprofundado possa “propagar esta paixão a muitos que nos visitam”, como refere Artur Santos Silva, presidente da Fundação. ■

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Durante este ano, em Espanha, vários eventos têm assinalado os 400 anos da morte do pintor El Greco, de seu nome Domenikos Theotokopoulos, nascido na ilha de Creta, em 1541, e falecido na cidade de Toledo em 1614. Entre eles, contam-se duas importantes exposições, uma já realizada em espaços relacionados com o percurso de El Greco – a sacristia da catedral de Toledo, a Capela de San José, o Convento de Santo Domingo o Antigo e o Museo de Santa Cruz, naquela cidade; e uma outra, que encerra no dia 5 de outubro, no Museo do Prado, em Madrid. Esta última, intitulada *El Greco & la pintura moderna*, mostra 26 obras do pintor, pertencentes ao acervo do museu, às quais se juntaram cerca de 80 outras, vindas de museus europeus e norte-americanos e de coleções particulares, cujos autores são alguns dos mais relevantes pintores da história da pintura das últimas décadas de Oitocentos e da primeira metade do século XX. Artistas de origens, sensibilidades e tempos distintos, que têm como traço comum, por um lado, o interesse pela plasticidade no tratamento da figura humana, pela singularidade da abordagem da luz e pela riqueza cromática da paleta de El Greco e, por outro, a influência que essas características provocaram na sua própria obra: Manet e Cézanne, mas também Picasso, Derain, Modigliani e Chagall, e os expressionistas O. Kokoschka, Egon Schiele e Max Beckman, assim como os muralistas Diego Rivera e José Clemente Orozco, e Jackson Pollock e Alberto Giacometti, Francis Bacon e Antonio Saura, só para citar alguns deles.

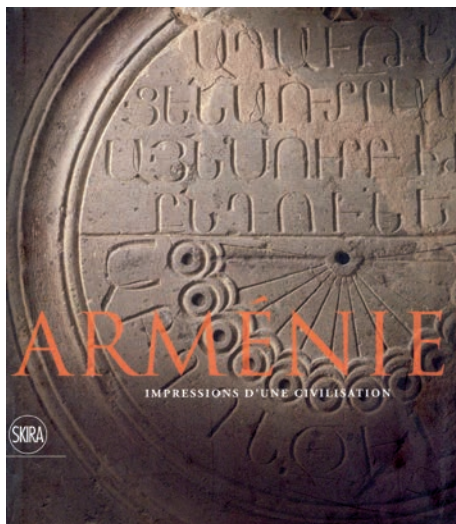
Para todos os que não puderam deslocar-se a Madrid, resta a consulta do excelente catálogo que, tal como a exposição, teve a responsabilidade de Javier Barón, curador e conservador-chefe da pintura do século XIX do Museo do Prado. Compõem este catálogo sete ensaios, onde, para além do curador, outros historiadores de arte analisam aspetos diferentes da influência de El Greco em alguns dos primeiros movimentos de vanguarda do século XX, como o Cubismo, o Expressionismo e o Surrealismo, assim como na pintura do outro lado do Atlântico. O catálogo contém ainda numerosas ilustrações, a lista das obras expostas e uma bibliografia. ■



Celebrou-se em 2012 o quinto centenário da impressão do primeiro livro em língua arménia. Um dos eventos que integrou o programa de comemorações destes 500 anos foi uma grande exposição que esteve patente em Veneza, cidade onde, no século XVI, foram impressos os primeiros livros arménios, graças ao engenho de Hakob Meghapart, personagem tão importante como misteriosa da história arménia.

Entre dezembro de 2011 e abril de 2012, a exposição *Arménie, impressions d'une civilisation*, ocupou três espaços expositivos da Sereníssima – o Museo Correr, o Museo Archeologico Nazionale e a Sala Monumentali da Biblioteca Nazionale Marciana – e teve como curadores Gabriella Uluhogian, Boghos Levon Zekiyán e Vartan Karapetian, eminentes historiadores da língua e da cultura arménias. Ao público visitante foram mostradas cerca de 200 obras – entre as quais alguns preciosos manuscritos iluminados – provenientes de várias bibliotecas e museus arménios e europeus, dispostos num percurso cronológico e temático, revelando os aspetos mais significativos e singulares da cultura do povo arménio, nas suas vertentes intelectuais, espirituais, artísticas e económicas.

O livro-catálogo que ficou para memória futura desta exposição teve três edições, em três línguas – italiano, inglês e francês (que pode ser consultada na Biblioteca de Arte) –, todas contendo uma síntese dos textos em língua arménia. Elaborado sob a orientação dos curadores da exposição, este livro apresenta-se dividido em dez partes, cada uma com vários textos assinados por um conjunto de autores, é profusamente ilustrado e está cuidadosamente documentado, contendo ainda uma extensa bibliografia. Trata-se, sem dúvida, de uma obra importante para o estudo e conhecimento da história e da cultura do povo arménio. ■



Centro de Arte Moderna

Serenata Açoreana

António Dacosta

Serenata Açoreana esteve patente na primeira exposição surrealista em Portugal, inaugurada a 11 de Novembro de 1940, na Casa Repe (casa de móveis e decoração no Chiado, em Lisboa), no ano do grande evento estado-novista – a Exposição do Mundo Português. A primeira mostra do surrealismo português surgia, assim, como oposição ao revivalismo histórico imposto pela grande iniciativa salazarista, através da apresentação de 16 telas de António Pedro, seis esculturas de Pamela Boden (escultora inglesa refugiada em Portugal), e 10 pinturas do jovem António Dacosta, que tinha então 26 anos e o curso de Pintura da Escola de Belas-Artes de Lisboa. As obras expostas procuravam refletir a violência, o “exílio” português, o fechamento do país à realidade da II Guerra Mundial e o impacto da Guerra Civil espanhola.

Uma fotografia da *Serenata Açoreana*, tal como foi exposta em 1940, permite verificar que a obra que conhecemos hoje sofreu diversas alterações realizadas pelo pintor¹. Em geral, a pintura escureceu, está mais densa; os rostos são menos expressivos e as nuvens estão mais carregadas.

Este quadro é marcado por uma iconografia cristã. A serenidade evidenciada na figura feminina do fundo, a chegar à costa numa canoa, opõe-se ao desespero da figura nua contorcida no chão em primeiro plano. Esta apresenta uma certa androginia, refletindo a culpa de Adão e Eva, evidenciada na maçã avermelhada (cor de fogo, como o corpo), consciente de uma perda de inocência e agrilhoadas à condição humana, expressa na corrente presa ao pescoço. Nesta pintura, encontramos a mesma passagem de um primeiro plano para um segundo plano que na representação das janelas nas pinturas *La Condition humaine* de Magritte, onde o segundo plano apresenta uma paisagem calma e tranquila. Em relação a *Serenata Açoreana*, Dacosta referiu-se a um desejo de evasão, que pode ser entendido na representação da figura na canoa. Evasão da II Guerra

Mundial que começara e evasão de uma condição (humana) acorrentada em si mesma. A figura masculina no lado direito, também nua, e ainda imbuída de uma cândida inocência, oferece um pássaro morto, numa serenata em que o sofrimento e a morte estão espelhados no rosto da figura caída no chão.

A pintura surrealista de Dacosta, produzida num período de cerca de dez anos, é em geral uma pintura de angústia e marcada pelo facto de o artista ter nascido numa ilha, tema recorrente na sua obra. Em 1944, um incêndio no ateliê que partilhava com António Pedro, em Lisboa, destruiria grande parte da sua obra destes anos. Dacosta parte para Paris no Outono de 1947 como bolsheiro do Estado francês, e envia da capital francesa para a I Exposição Surrealista (1949), do Grupo Surrealista de Lisboa, duas pinturas não figurativas. Deixa de pintar em 1949: o Surrealismo deixa de ser uma resposta e o Abstraccionismo nunca foi uma solução. Faz crítica de arte para diversas publicações, e só retomará o trabalho pictórico no final dos anos 70, época que coincide com o aparecimento de uma conjuntura internacional de regresso à pintura.

Esta obra pode ser vista no Centro de Arte Moderna entre 17 de outubro e 25 de janeiro de 2015 no âmbito da exposição **António Dacosta 1914-2014**. ■ **Patrícia Rosas**

¹ Ver Rui Mário Gonçalves, *António Dacosta*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 33-35.

António Dacosta (Angra do Heroísmo, 1914 – Paris, 1990)
Serenata Açoreana, 1940

Assinado

Óleo sobre tela

81 x 65,7 cm

Inv. 83P122



Temporada 2014/15

Escolas e outras
instituições
educativas
Marcações abertas

Crianças, famílias
e adultos
Bilhetes à venda



GULBENKIAN
DESCOBRIR



Stuedesigner - ilustração: Ana Rita Costa

www.descobrir.gulbenkian.pt

Informações e reservas: 217 823 800

descobrir@gulbenkian.pt